

EDUCAÇÃO FÍSICA: UM FENÔMENO QUE SE DESVELA

Sheila Aparecida Pereira dos Santos SILVA*

RESUMO

Este ensaio busca retratar a evolução/ampliação do pensamento referente à Educação Física numa retrospectiva histórica, assinalando desde uma visão voltada predominantemente para a saúde, aptidão física, aspectos anátomo-fisiológicos, até uma visão onde, sem prescindir dessas características, se evidenciam os aspectos sociais e afetivos referentes ao ser que se move, demandando diferentes abordagens de pesquisa. Uma analogia com as etapas da revolução científica propostas por Kuhn (1978), auxilia a compreender este processo de evolução, mostrando uma semelhança entre o passado da Educação Física (séculos XVIII, XIX e XX até a década de 70) e um estágio de ciência normal, como também um período crítico que se estende da década de 80 até nossos dias onde as discussões e publicações brasileiras têm evidenciado uma revolução nas crenças até então estabelecidas e um desvelamento de faces do fenômeno que eram ignoradas ou não destacadas.

UNITERMOS: Educação Física; Evolução do Pensamento; História; Crise.

APRESENTAÇÃO

O quadro delineado a respeito do professor de Educação Física no Brasil até o início da década de 80, nos mostra a preocupação deste pela busca do desenvolvimento da saúde, aptidão física, eugenia da raça e recuperação/manutenção da força de trabalho do trabalhador brasileiro (Castellani Filho, 1988, p.31-2).

Estas orientações e a conseqüente atuação dos profissionais de Educação Física no Brasil vieram a conceder-lhes, na análise dos pensadores progressistas desta área, a imagem de agentes de manutenção das estruturas de poder constituídas apesar de, na sua maioria, agirem de uma forma ingênua.

Este quadro ainda mostra profissionais que pensam pouco. Jocosamente comenta-se que "possuem músculos no lugar do cérebro", que adestram seres humanos centrando sua atuação no desenvolvimento de capacidades físicas apesar do seu discurso incluir objetivos educacionais que promovam o ser humano na sua totalidade.

Na década de 80, presenciamos através de publicações e discussões em Seminários e Congressos Científicos, uma ampliação da compreensão sobre a área de conhecimento denominada Educação Física.

* Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo.

Considerando a Educação Física como um fenômeno que vai, paulatinamente, sendo desvelado, podemos afirmar que as facetas mais recentemente iluminadas (discriminação da Educação Física enquanto profissão, enquanto área temática; distinção entre Educação Física, Esporte, Jogo, Recreação; presença da subjetividade no desenvolvimento das atividades físicas), quando acrescentadas àquelas até então conhecidas, resultaram numa mudança da compreensão existente sobre o assunto.

O objetivo deste ensaio é mostrar ao leitor o conjunto de idéias veiculadas através de publicações que contribuíram para esse desvelamento mostrando, inclusive, que o mesmo não foi fruto do pensamento de um autor isolado, mas pertencente a uma corrente de pensamento em busca de maior humanização que vem marcando a área educacional neste final de século.

Pretende, também, propiciar a compreensão desse desvelamento aludindo ao processo de revoluções científicas apresentado por Thomas Kuhn (Kuhn, 1978).

Numa breve retrospectiva abordando os significados da atividade física no mundo, desde a Antiguidade até o século XX quando, então, focalizamos o Brasil, podemos recolher elementos que nos auxiliam a visualizar a evolução que resultou nos atuais conhecimentos e concepções a respeito da Educação Física.

REFERÊNCIAS HISTÓRICAS

a) A atividade física da Antiguidade até o século XIX

Daiuto (1978) menciona que "a prática das atividades físicas nasce com o homem", fazendo referência à prática da luta, da caça, do enfrentamento das condições do meio que garantiam a sobrevivência do homem pré-histórico.

Na Antiguidade, as atividades físicas assumem características religiosas e terapêuticas (China, Índia, Egito), cabendo destaque aos jogos realizados na Grécia em honra aos deuses do Olimpo e que, devido a isto, recebiam o nome de Olimpíadas (Bucher, 1968).

O período medieval, apresenta as festas populares incluindo danças e jogos tradicionais entre os camponeses, sendo que, entre os cavaleiros da aristocracia, praticavam-se os torneios e justas que valorizavam a preparação do homem para as lutas (Rouyer, 1977).

No período compreendido entre os séculos XIV e início do século XVII, os movimentos humanísticos do Renascimento mencionam o valor da ginástica e dos jogos na formação de seres humanos e associam estas atividades à educação (Pereira, s.d.).

Para situar esta evolução da Educação Física no pano de fundo das idéias correntes no mundo ocidental a respeito de ciência e conhecimento, cabe lembrar que a prática da pesquisa científica e a preocupação com a elaboração de métodos de trabalho respaldados pelas descobertas advindas de tais pesquisas, estavam impregnados da orientação empiricista- séc. XVII- e, posteriormente, positivista - séc.XIX (Severino, 1992).

Na leitura de publicações científicas de diferentes áreas (psicologia, educação, biologia, química, filosofia, entre outras), percebe-se que os procedimentos adotados pelo método científico empiricista (observar, registrar, classificar, generalizar) e a busca de um conhecimento via impressões sensíveis que permitisse o controle sobre os fenômenos estudados, disseminou-se sob a forma de regras de conduta, valorizadas e legitimadas acadêmica e profissionalmente.

Este fenômeno reflete-se na prática profissional da Educação Física onde apenas o conhecimento de atividades que poderiam ser desenvolvidas pelas pessoas não se torna suficiente, vindo a reclamar a existência de método¹

Nos séculos XVIII e XIX, ao mesmo tempo em que proliferam e conseguem divulgação internacional, as Escolas Ginásticas e seus respectivos métodos: Ginástica Sueca (P.H. Ling: 1776-1839), Ginástica Alemã (F.L. Jahn: 1778-1852), Ginástica Alemã Escolar (H. Ling: 1820-1886), Ginástica Dinamarquesa (F. Nachtgall: 1777-1847), circulam as idéias de grande pedagogos como Rousseau (1712-1778), Pestalozzi (1746-1827), Herbart (1776-1841), Froebel (1782-1852) e Spencer (1820-1903) que, baseados num referencial humanístico, valorizam a experiência vivida como origem e meio da educação (Daiuto, 1978).

Em decorrência dos trabalhos das Escolas Ginásticas, já mencionadas, na segunda metade do século XIX, começam a surgir análises científicas das atividades físicas sob os aspectos fisiológicos e higiênicos (F. Lagrange: 1845-1909).

b) A Educação Física na escola

Sob o ponto de vista pedagógico, as primeiras iniciativas datam do século XVIII a exemplo do "Philantropinum", modelo de Educação Física elaborado por Basedow (1723-1790) para ser desenvolvido na escola de Dessau, Alemanha, que visava equilibrar os aspectos físicos e mentais, visto que as Escolas Ginásticas privilegiavam apenas os anátomo-fisiológicos.

No Brasil, a inclusão obrigatória da Educação Física nos currículos escolares de 1o. Grau deu-se em 1851 (Lei n.630 de 12/09/1851), no mesmo ano em que era incluída nas escolas de 2o. Grau na França (Daiuto, 1978).

O desenvolvimento da Educação Física Escolar no Brasil, já no século XX, ocorre sob a influência do método Francês surgido em 1927, que segue uma linha anátomo-fisiológica, e do Método Desportivo Generalizado, surgido em 1945, que adota uma tendência desportiva e social.

O método Francês, largamente difundido nas escolas brasileiras com o nome de "Regulamento Geral de Educação Física No.7", conforme análise de Betti (1991, p.147-57) se caracteriza pela formalidade, rigidez e por situar-se no polo do trabalho em oposição aos aspectos lúdicos do jogo.

O método Esportivo, denominado método de forma indevida visto que trata-se somente de uma série de procedimentos voltados aos objetivos decorrentes da concepção de esporte adotada, com finalidade competitiva e exercitado segundo regras pré-estabelecidas, inicia-se na década de 50 e atinge o seu apogeu na década de 70 (Betti, 1991, p.154).

A influência do esporte ainda é marcante na Educação Física Escolar nas décadas de 80 e 90, no entanto, com o passar dos anos, estes métodos passam a ser questionados no sentido de responder se realmente atendem às necessidades de desenvolvimento integral dos educandos nas escolas.

EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA E SOCIEDADE

As mudanças na Educação Física Brasileira não ocorrem isoladas do panorama epistemológico e histórico do restante do mundo. Este vinha sendo pautado desde o século XVII pelo empiricismo (Bacon, Hume) e desde o século XIX pelo positivismo (Comte).

No entanto, retratando a dinamicidade dos processos históricos e a evolução das correntes de pensamento que se dá, ora por ampliação, ora pela crítica e contraposição, surgem, também no século XIX, a psicanálise, o materialismo histórico e a fenomenologia.

Estas correntes de pensamento reivindicam a valorização da subjetividade, a consideração do homem como condicionado social e historicamente mas, sobretudo, como um sujeito que atribui significados ao mundo vivido. Esta consideração da subjetividade coloca em pauta os aspectos afetivos que vinham sendo tidos como prejudiciais à prática da pesquisa científica, como também não merecedores de atenção na prática pedagógica.

Na Educação Física, a valorização dos aspectos afetivos (competitividade, expressividade, a busca do auto-controle, equilíbrio emocional, necessidade de diversão e relaxamento) faz com que outros métodos surjam e, conseqüentemente, outras técnicas de trabalho, envolvendo, além da ginástica tradicionalmente desenvolvida, modalidades esportivas, jogos e, em alguns momentos, a dança.

No desenrolar da história brasileira, pode-se observar que, nas décadas de 80 e 90, ocorre a inexistência de um método que ocupe uma posição de destaque seja em escolas, clubes ou academias havendo, todavia, a presença de importação de técnicas de trabalho e mesmo de reflexões pedagógicas oriundas dos países de Primeiro Mundo.

No entanto, nem toda adoção de técnicas e idéias importadas ocorre sem crítica ou seja, a Educação Física enquanto profissão, componente curricular, disciplina acadêmica, pensa sobre si mesma.

A reflexão sobre a Educação Física ocorrida no meio acadêmico fez com que se mostrassem aspectos polêmicos como:

a) a denominação da área;

b) a relação entre ginástica, esporte, jogos, lazer, dança e Educação Física;

c) as finalidades dos cursos de formação profissional;

d) a subordinação dos cursos de Educação Física aos Centros de Ciências Humanas ou Ciências Biológicas em algumas Instituições de Ensino Superior.

Uma série de aspectos polêmicos poderiam ser mencionados, porém uma discussão exaustiva a este respeito não é a finalidade deste trabalho.

Mencionar a existência de aspectos conceituais conflitantes não é exclusividade da Educação Física e estes aspectos têm mobilizado a pesquisa, o debate e a conseqüente delimitação e progresso da área.

Regis de Moraes prefaciando um livro de Medina (1988, p.11) afirma: "todo consenso é uniformidade, e a uniformidade é a anti-evolução, a quebra do fluxo dialético básico da vida."

Estas questões, portanto, só tiveram condições de vir à tona porque uma parcela dos profissionais de Educação Física não se contentaram com a prática e com a conseqüente visão historicamente construída sobre a mesma.

É possível conseguir uma descrição da ocorrência de parte deste processo, utilizando como referência uma série de publicações da década de 80. Este período (final da década de 70 início da década de 90) será denominado, neste ensaio, de "crise" na Educação Física.

CRISE NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

Ainda que na década de 70, a conjuntura político-econômica, o sucesso da seleção de futebol na copa do México, tenham contribuído decisivamente para a associação entre os conceitos de Esporte e Educação Física no Brasil, visão que se disseminou na prática da Educação Física Escolar e conseguiu legitimidade por parte de legisladores, educadores e população em geral, as críticas surgiram e a crise desencadeou-se.

A década de 80 foi bastante rica em análises a respeito da prática da Educação Física no Brasil.

Neste momento, será aberto um parêntese para citar Kuhn (1978), que afirma ser a ciência um fenômeno histórico, só podendo ser adequadamente apreendida por uma teoria que leve em conta sua dimensão histórica. Kuhn (1978) pretende reconstruir a dinâmica da ciência ou o processo das revoluções científicas em torno de quatro etapas fundamentais: ciência normal, paradigma, crise e revolução.

Particularmente, julgo perfeitamente plausível a aplicação destas quatro etapas para a compreensão da revolução que ocorre na Educação Física como tentarei demonstrar a seguir.

Entende-se por ciência normal um modo específico de enxergar a realidade, objeto de investigação de uma determinada área de pesquisa, de modo a levar o cientista a acreditar que o universo se ajusta efetivamente às suas concepções, preconceitos ou presunções. A ciência normal preocupa-se em garantir aos futuros cientistas uma instrumentalização básica e uma visão de mundo que os auxilie futuramente no desenvolvimento de pesquisas. Ela não está, primeiramente, orientada para a descoberta do novo.

A partir dos dados históricos já mencionados pode-se inferir que a Educação Física Brasileira gozou de períodos em que era possível caracterizá-la nestes aspectos da ciência normal de Kuhn (1978), visto que houve consenso em torno de uma forma de enxergar suas finalidades e métodos de trabalho e de se buscar equipar professores e pesquisadores da área para a manutenção da sua prática em moldes específicos. Refiro-me aos períodos da predominância do método Francês e, posteriormente, dos métodos Esportivo e Desportivo Generalizado.

A segunda etapa à qual Kuhn (1978, p.71) se refere, o paradigma, é base para a existência da ciência normal visto que consiste numa "construção teórica, acolhida como superior às suas concorrentes, e que se afigura tão atraente e promissora que passa então a receber adesão da maioria dos cientistas".

O paradigma por se tratar de um lugar comum, compartilhado, onde as pessoas se colocam para contemplar aspectos da realidade, costuma pôr fim às controvérsias e polémicas acerca dos fundamentos de uma disciplina e passa a oferecer a base teórica e metodológica para o trabalho subsequente na mesma.

Quando um paradigma consegue se impor numa comunidade científica, seus membros passam a compartilhar das mesmas convicções desaparecendo, portanto, escolas e teorias rivalizantes. Possui, além disto, um traço conservador, pois leva os cientistas a ignorarem aquilo que não se ajuste à sua concepção paradigmática.

Processo semelhante ocorreu com os aspectos saúde e aptidão física que, durante os séculos XVIII, XIX, até a década de 70 do século XX, nortearam os movimentos ginásticos, as escolas Francesa, Sueca, como também o método Desportivo, ou seja, representavam um ponto consensual que orientava a visão do mundo-vida da Educação Física.

O Método Desportivo Generalizado já expressa preocupação com aspectos lúdicos e sociais, demonstrando um início de ruptura com a visão orientada unicamente pela saúde e aptidão física.

Ao analisar as revoluções científicas, Kuhn (1978) destaca que à fase de triunfo de um paradigma científico segue-se um período de crise. Surgem problemas não passíveis de solução pela aplicação do paradigma e este fracasso resulta num descrédito do mesmo pela comunidade científica. A partir deste descrédito começam a surgir idéias de como tais problemas poderiam ser resolvidos.

A apresentação de tais problemas não-solucionáveis, da falta de credibilidade em relação ao paradigma, caracterizam uma crise: "As crises terminam com a emergência de um novo paradigma e com a consequente batalha por sua aceitação" (Kuhn, 1978).

Carvalho (1989, p.87) alerta para o fato que, de início, um novo paradigma não soluciona todos os problemas deixados em aberto pelo anterior e aderir à ele é como dar um salto no vazio, envolvendo muita confusão e inquietação: "em geral, o resultado de uma revolução científica leva anos para ser assimilado pela comunidade".

Em Educação Física a visão centrada na perspectiva da saúde e aptidão física provoca incômodos numa parcela de intelectuais desta área e estes, através de suas pesquisas e publicações trazem questionamentos e, ao mesmo tempo, reivindicam uma ampliação de visão através de mudanças de perspectiva para contemplação da área de conhecimento, da disciplina acadêmica e da prática profissional.

Os problemas e deficiências são muitos e de diferente ordem, fornecendo uma grande quantidade de temas para críticas, situadas num pano de fundo onde o discurso educacional e sociológico preconizavam a desalienação do pensamento, a libertação do ser humano de qualquer condição que o impeça de ser mais, a eliminação de atuações profissionais ditas ingênuas²

Em 1983, João Paulo Subirá Medina publica a obra: "A Educação Física cuida do corpo...e 'mente'". O autor, neste livro, aponta o posicionamento acrítico, o descompromisso, a inautenticidade dos profissionais de Educação Física. Fala sobre o excesso de especializações na área com uma conseqüente perda de visão do todo, aborda a posição dualista que tem marcado a prática das atividades físicas que distingue corpo e mente e aponta a necessidade da crise na Educação Física no sentido de questionar os valores vigentes e buscar uma maior humanização.

"Esta disciplina não pode continuar desprezando o atual conhecimento científico e não pode continuar pregando postulados que por ventura tenham sido verdades outrora, mas que hoje não passam de estreitas visões do que sejam o homem e a sua educação" (Medina, 1983, p.61).

Sem dúvida alguma, a difusão deste livro foi decisiva para o desencadear da crise na Educação Física Brasileira. Suscitou polêmicas e debates e estimulou a reflexão e publicação de idéias críticas.

Medina foi influenciado por Manuel Sérgio Vieira e Cunha como ele mesmo afirma no prefácio do livro "Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana?" (Cunha, 1989, p.9). Declara que a leitura dos escritos de Cunha o deixaram interessado pelas idéias que prenunciavam uma revolução no conjunto de saberes da Educação Física.

Ele se refere à obra "A prática e a Educação Física" publicada em 1977 em Lisboa, onde o mesmo autor enfatiza que a prática deve estar unida à reflexão teórica e que a teoria, se desvinculada da prática, resulta num idealismo que para nada serve.

Vale a pena ressaltar que a formação filosófica de Manuel Sérgio, como também do professor Silvino Santin da Universidade de Ijuí, RS, tendo como base o pensamento humanístico de Maurice Merleau-Ponty e a ontologia de Martin Heidegger, muito contribuiu para que profissionais de Educação Física tivessem acesso e se encorajassem a praticar a reflexão filosófica, fator essencial para o desenvolvimento de posturas críticas.

Entre os autores brasileiros que adotam esta linha crítica podemos citar Carmo (1982) que em sua dissertação de mestrado menciona a formação acrítica fornecida nos cursos de graduação de Educação Física e em outra obra, datada de 1985, assinala a necessidade de abandonar-se uma posição dita neutra, abrigada sob o escudo da competência técnica, aliando a esta competência a reflexão e o posicionamento sócio-político.

Betti (1983) em artigo publicado no Informativo da Associação de Professores de Educação Física de São Paulo contribui com a discussão conceitual existente na área confrontando os aspectos que definem e diferenciam a Educação Física, o Esporte e o Jogo, alertando para o prejuízo da Educação Física Escolar quando os objetivos do Esporte-competição-espetáculo são transpostos para ela.

Ferreira (1984) pesquisando a prática da Educação Física de 1o. Grau, contribuiu de maneira decisiva fornecendo matrizes analíticas onde polariza duas concepções intituladas:

- a) **modelos de reprodução**, cujos princípios são o rendimento, a hierarquização, a tecnocracia e a disciplina autoritária e
- b) **perspectiva de transformação**, cujos princípios são a ludicidade, espontaneidade, criatividade, responsabilidade, cooperação e participação.

Essas matrizes forneceram elementos que auxiliaram a comunidade da área a compreender o cotidiano profissional de seus professores.

A repercussão destas idéias no Estado de São Paulo manifesta-se na adoção, em 1989, dos princípios da "perspectiva de transformação" pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) da Secretaria de Educação em documento intitulado "Educação Física no Ciclo Básico", onde propicia-se aos professores da rede estadual o confronto entre as posturas mecanicistas e construtivista-interacionista no ensino formal.

Abordando também, aspectos da pedagogia da Educação Física no meio escolar, Resende (1985) expõe a contradição de propósitos entre as intenções de desenvolver uma prática onde as atividades psicomotoras, cognitivas, afetivas e sociais venham a favorecer o desenvolvimento integral dos alunos e as ações convencionais que voltam a sua atenção exclusivamente para os aspectos físicos e o rendimento motor.

Apresenta, também, a contradição entre a intenção de uma prática pedagógica democrática, participativa, reflexiva, crítica e as ações educativas notadamente autocráticas, passivas e acríticas.

Em 1988, a publicação do livro do professor Castellani Filho, "Educação Física no Brasil: a história que não se conta", marcou a literatura da área por sua abordagem, sem sombra de dúvida, bastante diferente das abordagens até então conhecidas em textos que tratavam da história da Educação Física.

Este livro contribuiu decisivamente para que os leitores pudessem desenvolver uma postura crítica a este respeito e para que os mesmos obtivessem elementos que propiciassem uma quebra da ingenuidade que tradicionalmente marcou a prática dos profissionais desta área.

No mesmo ano, Mariz de Oliveira e colaboradores, publicam "Educação Física e o ensino de 1o. Grau: uma abordagem crítica" onde assinalam deficiências no ensino público e demonstram a preocupação de redimensionar a formação de professores através da diferenciação de currículos de Bacharelado e Licenciatura.

Os autores afirmam que a oferta única de cursos de Licenciatura tem atraído um falso contingente de alunos que não se interessam pela profissão de professores e acabam se entregando à ela por questões de sobrevivência. A oferta diferenciada de dois cursos obrigaria os vestibulandos à uma opção entre eles supondo-se que optariam pela Licenciatura aqueles que realmente desejassem comprometer-se com a aplicação da Educação Física nas escolas.

Ao final dos anos 80, Freire publica "Educação de Corpo Inteiro" (1989) que, além de criticar a visão dualista que separa as atividades físicas das intelectuais, ou simplesmente, a separação entre corpo e mente, oferece propostas de como superar essa fragmentação na prática pedagógica cotidiana.

Também merece destaque a pesquisa de Taffarel (1985), abordando a aplicação de métodos de ensino mais abertos em Educação Física Escolar voltados à promoção da criatividade dos alunos.

Estas obras de autores brasileiros, demonstram o início da passagem do período crítico da Educação Física para um novo período marcado por propostas embasadas numa nova visão de conhecimento e prática nesta disciplina.

Convém salientar que autores alemães a exemplo de Dieckert (1986), Diem (1977), Hildebrandt & Laging (1986), Mosston (1978), influenciaram a literatura brasileira através da oferta de propostas de ensino que deixam de centralizar as decisões na figura do professor. Nestes arranjos didáticos, ocorre a participação e atividade dos alunos no estabelecimento de objetivos, na apropriação dos conteúdos, intencionalmente dando-lhes oportunidades de desenvolvimento intelectual e social, além do puramente físico.

A Educação Física em seus aspectos pedagógicos demonstra, desta forma, a passagem de uma visão predominantemente biologicista para outro enfoque sócio-interacionista e, portanto, valorizando mais os aspectos humanistas.

A CRISE: SERÁ QUE SAÍMOS DELA?

O início da década de 90 registra propostas de mudança no fazer da Educação Física Escolar. Como exemplo podem ser citadas as propostas para a escola pública dos Estados de Pernambuco (Escobar, 1990), de São Paulo (São Paulo, 1990), do livro "Metodologia do Ensino de Educação Física" (Metodologia..., 1992).

Estas propostas apresentam como objeto principal do conhecimento a ser transmitido e vivenciado nas escolas o que se denominou de cultura corporal:

"(...) A Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal" (Metodologia..., 1992, p.50).

Percebe-se, neste início de década, que a distinção entre as características e finalidades dos jogos, esportes, dança, lazer e recreação já está bem melhor constituída e difundida entre os profissionais de Educação Física, principalmente entre aqueles que se graduaram de 1985 até nossos dias.

Pesquisas abordando o cotidiano profissional envolvendo professores formados anteriormente a estes anos, foram realizadas por Moreira (1991) e também por Silva (1991) deixando claro que, para os sujeitos, as distinções que acabamos de nos referir não se faziam presentes de forma clara.

Se na prática pedagógica e nos discursos educacionais já se torna possível verificar mudanças, o que podemos verificar no que se refere a pesquisa na área da Educação Física?

Por muito tempo acreditou-se que a Educação Física deveria classificar-se como ciência biológica e as pesquisas publicadas em periódicos e apresentadas em Congressos e Simpósios eram predominantemente sob estes aspectos.

Em várias Instituições de Ensino Superior e Centros de Pesquisa, os médicos foram de fundamental importância para o desenvolvimento de pesquisas deste tipo e colaboraram de forma decisiva para a formação de pesquisadores entre os profissionais de Educação Física.

Classificar a Educação Física como ciência biológica ou humana torna-se uma tarefa difícil pelo fato de seu objeto de estudo, o ser humano em movimento, permitir abordagens multidisciplinares, no entanto, presenciamos tal discussão quando se trata de estruturar Institutos de Ensino Superior. Esta polêmica pode ser mais um indicador de que há aspectos passíveis de crítica, prenunciando uma revolução de valores e concepções.

A respeito de uma possível classificação, Cunha (1990) defende que trata-se de uma ciência do homem, no entanto uma ciência autônoma, que não vem a reboque de outras. Ele a denomina de Ciência da Motricidade Humana.

Em relação à esta ciência, a Educação Física é uma pré-ciência, um micro-conceito, visto que a Motricidade Humana aborda questões que extrapolam os aspectos puramente motores do ser humano, ou seja, preocupa-se com a filosofia, sociologia, psicologia, história, antropologia, ligadas ao estudo das manifestações do ser humano em movimento.

Parlebás (1984), expressa a mesma crítica feita por Cunha a respeito da tradicional submissão da área aos princípios daquilo que denomina de disciplinas exteriores que pretendem enquadrar o seu desenvolvimento. Preconiza uma nova concepção para a Educação Física sugerindo que a mesma seja encarada como a Ciência da Ação Motriz (*sic*), cujo objeto de estudo são as condutas motoras.

" A Educação Física deve realizar sua revolução copernicana, isto é, aceitar uma mudança de centro, deve desprender-se do movimento para centrar sua atenção no ser que se move" (Parlebás, 1984, p.6).

Ele julga que a noção de "movimento" reduz a ação física às características de uma máquina biológica e hipervaloriza de modo abusivo a descrição técnica. Provavelmente tenha considerado definições tais como a apresentada por Newell (citado por Manoel, 1986) segundo a qual "o movimento refere-se a toda alteração de um segmento do corpo ou do corpo todo num padrão espaço-temporal em função de contrações musculares".

Tanto Parlebás quanto Cunha, propõem a constituição de uma nova ciência que venha a investigar e difundir conhecimento dos aspectos humanos ligados ao movimento.

Nesta ciência, seja ela a Ciência da Motricidade Humana ou a Ciência das Condutas Motrizes, é possível deduzir-se sub-áreas de conhecimento, por exemplo, a Educação Motora que, segundo Cunha (1990, p.78) refere-se ao ramo pedagógico; ou as Ciências do Esporte que, segundo o mesmo autor, também aborda um ramo da motricidade humana.

Neste sentido, as propostas que encaram a Educação Física como sendo a Educação do Movimento, como também aquelas que defendem a Educação pelo Movimento a exemplo de Jean Le Boulch (1983), representariam aspectos, facetas de um fenômeno mais amplo.

O MOMENTO ATUAL

Ampliar a visão sobre o que, até o momento, denominamos Educação Física, implica em serem adotadas novas abordagens de pesquisa.

Desvelar a multiplicidade de aspectos relacionados ao ser que se move, envolve a adoção de métodos que vão além daqueles até então utilizados nas pesquisas científicas desenvolvidas nesta área.

Nos encontros científicos, já começam a se evidenciar os relatos de pesquisas qualitativas, seja de orientação fenomenológica, seja de orientação hermenêutica que, valendo-se de técnicas de observação, entrevistas, interpretação de discursos, análises de conteúdo de textos publicados, contribuem para desvelar aspectos até então não contemplados pelos métodos utilizados pelas ciências naturais.

Compreender a Educação Física como um fenômeno que se desvela nos leva a admitir que há faces que já foram iluminadas e a reconhecer que ainda há muitas outras que surgirão.

A consciência da necessidade de ampliar a investigação sobre este fenômeno e da adoção de novas abordagens de pesquisa resultou do levantamento dos aspectos críticos que envolviam a prática da Educação Física, da contribuição de pensadores que, descontentes com a visão hegemônica e parcial sobre esta área, buscaram formação e informações em outros campos de conhecimento.

Não temos, no momento, condição de afirmar que tenha havido uma mudança total na prática da Educação Física sendo necessário atentar para os seguintes aspectos:

a) para a quase totalidade dos profissionais, como também para a grande maioria dos pesquisadores e professores de nível superior, as questões mencionadas neste ensaio ainda são muito polêmicas e mal-resolvidas;

b) a nível do pensamento comum, a área da Educação Física pouco evoluiu visto que seus avanços teóricos ainda pouco modificaram a prática, ou seja, o "status" de ciência procurado pelos intelectuais ainda não se encontra difundido entre seus profissionais e entre a maior parte das pessoas;

c) a aplicação de métodos qualitativos de pesquisa carece de uma melhor fundamentação pelos seus usuários para auferir respeitabilidade no meio acadêmico;

d) no momento, é possível perceber que a visão do Ser Humano como um ser para o qual o movimento é uma característica essencial ao seu inter-relacionamento, ao seu bem-estar no mundo, à sua integridade bio-psicológica, é um ponto de consenso. No entanto, a busca de algumas "certezas essenciais" que venham a unir e conciliar os profissionais e pesquisadores da área ainda vai continuar ocorrendo;

e) o conhecimento produzido na área continua referindo-se a múltiplos aspectos, visto que todos eles concorrem para uma maior compreensão e desenvolvimento da motricidade humana;

f) devido à complexidade da natureza humana e de suas manifestações ao mundo, as abordagens e o trabalho de estudo e pesquisa interdisciplinares tornam-se estritamente necessários como forma de superação das fragmentações, dos dualismos, do excesso de especializações já tão freqüentemente discutidos nesta área.

ABSTRACT

PHYSICAL EDUCATION: A PHENOMENON THAT REVEALS ITSELF

This essay tries to present the evolution/amplification of the meaning of Physical Education in a historical retrospect, pointing out a transition from a predominant view toward health, physical aptitude, anatomic-physiologic aspects to a view in which without prescind from these characteristics, social and affective aspects of the one that moves are evinced and requires different forms of research. An analogy with the steps of scientific revolution, proposed by Kuhn (1978), helps to understand this process of evolution, showing a likeness between the past of the Physical Education (XVIII, XIX centuries and XX century until 70's) and a stage of normal science and a critical period that goes from 80's until our days, where the Brazilian's discussions and publications evince a revolution on the established beliefs and a appearance of phenomenon's faces that were unknown or not outstanding.

UNITERMS: Physical Education; Evolution of the mind; History; Critical Period.

NOTAS

1. Entendendo-se método como uma trajetória dirigida a finalidades, cujos passos são previamente traçados, respeitando-se princípios, tais como: progressividade, avaliação de etapas intermediárias, adequação entre meios e fins, controle de resultados.
2. Refiro-me à disseminação das idéias do materialismo histórico, das obras de Paulo Freire e da Teologia da Libertação na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTI, M. Educação física: dessemelhança e identidade com o esporte e o jogo. *Informativo APEF*, n.5, p.10-2; n.7, p.9, 1983.
- _____. *Educação física e sociedade*. São Paulo, Movimento, 1991.
- BUCHER, C.A. *Foundations of physical education*. 5.ed. Saint Louis, Mosby, 1968.
- CARMO, A.A. *Educação física: competência técnica e consciência política em busca de um movimento simétrico*. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1985.
- _____. *Educação física; crítica de uma formação acrítica*. São Carlos, 1982. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos.
- CARVALHO, M.C.M. (org.) *Construindo o saber: técnica de metodologia científica*. Campinas, Papirus, 1989.

- CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil, a história que não se conta.** Campinas, Papirus, 1988.
- CUNHA, M.S.V. **Educação física ou ciência da motricidade humana?** Campinas, Papirus, 1989.
- _____. **A motricidade humana- uma revolução científica.** *Revista Motrivivência*, v.2, n.3, p.74-8, jan.1990.
- _____. **A prática e a educação física.** 2.ed. Lisboa, Compendium, 1977.
- DAIUTO, M. **Folheto Informativo aos alunos da Escola de Educação Física da USP.** São Paulo, 1978. /mimeografado/.
- DIECKERT, J. **Elementos e princípios da educação física.** Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1986.
- DIEM, L. **Esportes para crianças.** Munique, 1977.
- ESCOBAR, M.O., coord. **Contribuição ao debate do currículo em educação física: uma proposta para a escola pública.** Recife, Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco, 1990.
- FERREIRA, V.L.C. **A prática da Educação Física no 1o. Grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação?** São Paulo, Ibrasa, 1984.
- FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física.** São Paulo, Scipione, 1989.
- HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da Educação Física.** Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1986.
- KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas.** 2.ed. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- LE BOULCH, J. **A educação pelo movimento.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- MANOEL, E.J. **Movimento humano: considerações acerca do objeto de estudo da Educação Física.** *Boletim da FIEP*, n.56, p 33-9, 1986.
- MARIZ DE OLIVEIRA, J.G. et alii. **Educação física e o ensino de 1o. grau: uma abordagem crítica.** São Paulo, EPU/EDUSP, 1988.
- MEDINA, J.P.S. **A Educação Física cuida do corpo...e "mente".** 2.ed. Campinas, Papirus, 1983
- _____. **O brasileiro e seu corpo.** Campinas, Papirus, 1988.
- METODOLOGIA do ensino de educação física. São Paulo, Cortez, 1992.
- MOREIRA, W.W. **Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica.** Campinas, Unicamp, 1991.
- MOSSTON, M. **La enseñanza de la educación física: del comando al descubrimiento.** Buenos Aires, Paidós, 1978.
- PARLEBÁS, P. **Perspectivas para una educación física moderna.** *Unisport Andalucía*, n.1,1984.
- PEREIRA, C.F.M. **Tratado de Educação Física: problema pedagógico e histórico.** Lisboa, Irmãos Bertrand, s.d. V.1
- RESENDE, H.G. **Os "descaminhos" da educação física escolar.** *Sprint*, v.4, n.2, p.70-2, mar-abr, 1985.
- ROUYER, J. **Pesquisas sobre o significado humano do desporto e dos tempos livres e problemas da história da educação física.** In: **Desporto e Desenvolvimento Humano.** Lisboa, Seara Nova, 1977.
- SÃO PAULO (ESTADO) Secretaria da Educação. **Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Educação física no ciclo básico.** São Paulo, 1989.
- _____. **Proposta curricular de educação física para o ensino de 1o.Grau.** São Paulo, 1990.
- SEVERINO, A.J. **Filosofia.** São Paulo, Cortez, 1992.
- SILVA, S.A.P.S. **Consciência profissional de professores de educação física da Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação de São Paulo.** São Paulo, 1991. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991.
- TAFFAREL, C.N.Z. **Criatividade nas aulas de educação física.** Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1985.

Recebido para publicação em: 17/2/94

ENDEREÇO: Sheila A. Pereira dos Santos Silva
 Av. Prof. Mello Moraes, 65
 05508-900 - São Paulo SP - BRASIL